

Sistemas de Produção Praticados pelos Criadores de Bovinos na Área Abrangida pelo Programa MG-II

Em uso



EPAMIG/MG II

**SISTEMAS DE PRODUÇÃO PRATICADOS
PELOS CRIADORES DE BOVINOS NA ÁREA
ABRANGIDA PELO PROGRAMA MG-II**

BELO HORIZONTE
ABRIL
1983

Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Sistemas de produção praticados pelos criadores de bovinos na área abrangida pelo Programa MG-II. Belo Horizonte, 1983.

20 p. (Documentos, 04).

1. Bovinos – Sistemas de produção. I. Título II. Série.

CDD 636.2

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	5
<i>Região Sul de Minas</i>	7
<i>Região Vale do Rio Doce</i>	11
<i>Região Norte e Nordeste</i>	15

APRESENTAÇÃO

A exploração bovina está presente na grande maioria das pequenas propriedades rurais, ligando-se a ela um grande contingente humano. Por outro lado, essa exploração apresenta baixos índices de produção e produtividade, merecendo, portanto, atenção da pesquisa no sentido de que sejam encontradas alternativas para solucionar os pontos de estrangulamento do processo produtivo.

No presente número da Série Documentos são apresentadas informações técnicas sobre os Sistemas de Produção de Bovinos, que são utilizados pelos pequenos produtores.

MÁRIO RAMOS VILELA

Presidente

REGIÃO SUL DE MINAS

SISTEMA DE PRODUÇÃO Nº 1

O Sistema de Produção nº 1 é praticado pelos pecuaristas do Sul de Minas, de renda extremamente baixa, geralmente com número reduzido de animais de baixa capacidade de produção. O leite predomina sobre a produção de carne, e os animais são do tipo pé-duro.

O nível de tecnologia é extremamente baixo. O uso de sal comum é o mais generalizado, mesmo assim por menos de 50% dos proprietários, e o uso de sal mineral, fubá ou milho e farinha de osso é nulo.

A alimentação do rebanho é toda à base de pastagens naturais, não se fazendo a suplementação, mesmo na época seca, com capineira de capim-elefante e cana-de-açúcar.

Os cuidados sanitários são precários, com alguma vacinação contra aftosa, porém nem mesmo carrapaticida e bernicida são usados.

O nascimento de bezerros é feito 100% a campo, e o tratamento de umbigo, bem como a castração dos machos, é inexistente. A desmama é geralmente feita com 10-12 meses de idade. A idade média da primeira parição está em torno dos 3-3,5 anos de idade, e o período de lactação varia de 300-360 dias, sendo a venda de bezerros efetuada dos 12-24 meses de idade. A ordenha é manual, uma vez ao dia, sem nenhuma preocupação com a higiene do leite obtido, e o transporte do leite até o ponto de entrega no caminhão coletor se faz através de animais.

A produtividade média está em torno dos 3ℓ/dia/animal na época seca e 5-7ℓ/dia/animal na época das águas.

A limpeza dos pastos ou bateção é feita manualmente entre janeiro e março ou no final da seca, sempre manual.

A adubação e divisão dos pastos são inexistentes, e o aluguel de pastos vem aumentando gradativamente.

Há uma grande tendência à criação de pequenos animais e ao cultivo de arroz, quando há baixadas, sendo comum o plantio de feijão e milho para subsistência.

SISTEMA DE PRODUÇÃO Nº 2

O Sistema de Produção nº 2 é praticado por pecuarista de receita anual aumentada em função principalmente de áreas maiores. A produtividade deste sistema no entanto, é tão baixa quanto a do sistema nº 1, apesar de já começar a apresentar uma melhoria na tecnologia de produ-

ção. O problema maior é o baixo potencial produtivo do rebanho existente.

Os pecuaristas possuem número maior de animais no rebanho, e a produção de leite supera a de carne. Os animais são do tipo mestiço e pé-duro, e têm sido introduzidos alguns de sangue holandês preto e branco.

O uso de sal comum é mais acentuado, ocorrendo o pouco uso de sal mineral e nenhum de farinha de osso. Poucos usam o fubá ou milho, e quando usam estes produtos, fazem-no de sua própria plantação.

O uso de capineira é mais difundido, somente para a época seca, em geral mal manejada e passada, de péssima qualidade. É muito comum o uso de cana-de-açúcar porém, é restrito o uso de silagem e, quando existente, esta é de capim. O aluguel de pasto não chega a ser muito frequente. Na época seca há a suplementação com ração comprada, que é fornecida em quantidade insuficiente.

Os cuidados sanitários são menos precários, sendo dado maior atenção à vacinação contra a aftosa. O carrapaticida é pouco usado, mas o uso de bernicida é generalizado.

O nascimento é feito 100% a campo, não se cuidando convenientemente do umbigo. Não se castram os machos, que são vendidos com 12-24 meses.

A ordenha é sempre manual e pouco higiênica.

A idade média da primeira parição é aos 3-3,5 anos de idade, e o período de lactação também está em torno dos 300-360 dias.

A produtividade é a mesma do Sistema nº 1, podendo ser entretanto, aumentada mais facilmente.

A limpeza de pasto, transporte do leite e demais considerações são semelhantes ao Sistema nº 1.

REGIÃO VALE DO RIO DOCE

Através de um levantamento realizado nos municípios integrantes do Programa MGII-Vale do Rio Doce e de questionários preenchidos, junto aos produtores, buscaram-se informações que pudessem fornecer subsídios para a caracterização do pequeno e médio produtor no Vale do Rio Doce, na área de bovinocultura.

A atividade principal da exploração pecuária é a produção de queijo, nas regiões mais altas (Coroaci, Virgolândia, Sardoá etc.) e leite "in natura" na região do baixo Rio Doce (Alvarenga).

A produtividade é baixa, variando de 2,5 a 4,0 litros/vaca/dia. 75% do rebanho é composto na sua maioria de gado mestiço azebuado, com alguma introdução de sangue europeu (holandês). O sistema tradicional de criação é o de monta natural com a concentração de nascimentos na primavera. Os bezerros, em geral, são criados separados das vacas, no sistema de duas mamadas diárias (cedo e a tarde), pelo menos até aos seis meses de vida, e com uma mamada daí até à desmama, que ocorre, em média, aos 10 meses.

A fertilidade média do rebanho regional está em torno de 50%, sendo que o intervalo entre partos encontrado foi de 24 meses, e a idade à primeira cria em torno de 36 meses. A mortalidade dos bovinos, em 68% das propriedades, ocorre até o 1º ano de vida, sendo o índice de mortalidade, segundo as informações, de 16% até a desmama e 5 a 6% na fase adulta.

O controle sanitário do rebanho é bastante deficiente, tanto que apenas a vermifugação (36,8%) e as vacinas contra febre aftosa (68,42%) e carbúnculo sintomático (42,11%) são práticas mais comuns. Quanto ao controle de ectoparasitas, apenas 5,26% dos produtores o fazem.

A cura do umbigo e o controle de diarréias não são realizados na maioria das propriedades.

Com relação às instalações, as mais comumente encontradas constaram de curral e cochos sem cobertura, em condições precárias de higiene.

A suplementação alimentar não é prática comum para nenhuma das categorias animal. Os poucos produtores que a utilizam (26,3%) fazem-no para as vacas lactantes e bezerros, e os alimentos mais utilizados são as capineiras, e em menor proporção, a cana e milho. Somente 5,26% dos criadores utilizam a mineralização para seu rebanho, e destes a maioria usa apenas sal comum. Com relação ao manejo das pastagens, apenas a roçada e a queimada são as práticas utilizadas, não havendo di-

visões por categoria animal e rotação de pastos.

A aceitação de assistência técnica e mudança de tecnologia, por parte dos produtores, parecem favoráveis, desde que não impliquem na limitação de transações comerciais normais durante o ano. O caráter gratuito dos serviços assistenciais apresenta-se como um dos maiores incentivos. Ressalte-se ainda que alguns produtores consideravam a dificuldade de obtenção de assistência técnica permanente em sua área de localização como um dos entraves à realização de um trabalho mais criterioso e à adoção das tecnologias recomendadas.

REGIÃO NORTE E NORDESTE

Após contato com os coordenadores regionais da EMATER, selecionaram-se os municípios de Mato Verde, Espinosa, Rio Pardo de Minas e São João do Paraíso como representativos da Região Norte de Minas, e os de Turmalina, Chapada do Norte, Capelinha, Itamarandiba, Ladainha e Carai, como representativos da região Nordeste. Em cada município foram entrevistados dois a três produtores indicados pelos técnicos dos Escritórios Locais da EMATER e do IESA, nos diferentes estratos de área contemplados pelo MG-II. Com os dados levantados juntos aos produtores e com as informações complementares dos técnicos das citadas instituições, concluiu-se que:

Os níveis tecnológicos não variam muito de um estrato para outro. Normalmente os produtores não se dedicam exclusivamente à exploração da pecuária e têm nesta atividade uma complementação da atividade agrícola, que predominantemente se baseia nas culturas de subsistência.

No que concerne à pecuária, pode-se constatar que o nível tecnológico é muito baixo e, por conseguinte, os índices de produtividade também são baixíssimos.

As pastagens na região Norte são constituídas das espécies *Cenchrus ciliaris*, (capim-buffel), *Panicum maximum*, (capim-colonião), *Melinis minutiflora*, (capim-gordura), *Hyparrhenia rufa*, (capim-jaraguá), e na região Nordeste, das espécies *M. minutiflora*, *H. rufa*, *P. maximum* e *Paspalum notatum* (capim-estrela). Em ambas as regiões, as espécies são distribuídas de acordo com as condições edafoclimáticas de cada local, tendo sido também encontradas, nas regiões visitadas, algumas introduções de *Brachiaria decumbens*. A capacidade de suporte das pastagens varia com a espécie, época do ano, manejo, cobertura da área e ocorrência de invasoras, não sendo possível quantificá-la, devido à falta de conhecimento exato da área, ao uso de aluguel de pastos e à colocação dos animais nas matas.

A formação dessas pastagens é feita das formas mais variadas possíveis. Em geral são semeadas após alguma cultura. Sendo algumas espécies espontâneas em alguns municípios, tais como a *M. minutiflora*, *H. rufa* e *P. notatum*, que após a retirada da mata e/ou suspensão do cultivo na área, a forrageira se estabelece. Em qualquer das situações nunca é empregado fertilizante exclusivo para a pastagem, tanto na implantação como sob a forma de reposição.

O número de pastos é, em geral, determinado pela existência de acidentes topográficos, tais como, montanhas, vales etc., que facilitam a

construção de cercas. As matas ou capoeiras, quando existentes na propriedade, são utilizadas como pastagens com a denominação de "soutos", sobretudo no período chuvoso, para permitir a recuperação e ressemeadura natural da pastagem.

Na região Norte, a limpeza das pastagens em geral é feita anualmente com roçagens manuais, no período de janeiro a abril. É comum o uso de fogo nas pastagens, no início das águas (setembro/outubro), com exceção das de *M. minutiflora*. Por outro lado, na região Nordeste é comum roçar as pastagens de dois em dois anos, deixando-se formar lenha na área, para ser utilizada na produção de rapadura.

O manejo das pastagens é semelhante nas duas regiões, porém, quando existe mais de um pasto e/ou os "soutos", este é feito sob a forma de rodízio e com todas as categorias animais. Na região Nordeste é mais comum o uso de aluguel de pastos para descansar os da propriedade. Nesta foi também mencionada, com frequência, a ocorrência de mortes de animais por plantas tóxicas, possivelmente, por não roçarem as pastagens anualmente. As aguadas na região Nordeste, em geral, são naturais (córregos) e na Norte são menos freqüentes, o que leva os produtores a utilizarem os "tanques", que são poços rasos construídos para depósito de águas pluviais. Neste último pode haver escassez de água após algum período de estiagem, necessitando, às vezes, de deslocar os animais a grandes distâncias para fornecer-lhes água.

Na região Norte, a suplementação do rebanho no período seco é inexistente, e somente são utilizados os restos de cultura (palhadas). Tampouco há capineiras ou cana para corte. Por outro lado na região Nordeste já se observa, em algumas propriedades, uma pequena capineira ou um pequeno canal que é utilizado na produção de rapadura e/ou para ser fornecido picado aos animais, no período mais seco do ano. Além desses volumosos normalmente utilizam-se pontas e bagaço de cana, palhadas e palhas de milho.

As instalações consistem basicamente de um curral maior, onde os animais em geral permanecem à noite, e de um menor para bezerras. Geralmente são construídos de madeira roliça ou lascada, sem cobertura e em estado precário de conservação. Em todas as propriedades existem cochos descobertos, onde, esporadicamente, se coloca sal comum.

O tamanho dos rebanhos varia consideravelmente, mas de um modo geral não ultrapassa a 20 cabeças, incluindo todas as categorias animais, sendo em média dez vacas. Esse tamanho depende da área da

propriedade, da fertilização natural dos solos e, conseqüentemente, da disponibilidade de forragem ao longo do ano, que em alguns casos, funciona como um regulador do tamanho do rebanho pelo efeito de mortes, por desnutrição.

A principal exploração da pecuária é o leite, com uma produtividade média muito baixa, de 1-3 l/vaca/dia. Essa baixa produtividade se deve às características raciais do rebanho que é azebuado e com predominância da raça Indubrasil na região Norte e "curraleiro" e/ou misturado com a raça zebu, no Nordeste. A quantidade de forragem disponível, ao longo do ano, influencia sobremaneira à produtividade.

O manejo do rebanho é feito incorretamente, e raramente a propriedade possui reprodutor, utilizando nestes casos o do vizinho, quando a fêmea manifesta o cio. O bezerros são em geral desmamados naturalmente pela vaca ou em função do período de gestação desta, estando este na idade entre 8 e 18 meses. E não raro é mencionada a ocorrência de pequenos intervalos entre períodos de lactação, o que contribui para a baixa produtividade. Os bezerros são sempre vendidos após a desmama. As vacinações contra aftosa e a manqueira são feitas a intervalos regulares, sobretudo, nos municípios onde atuam técnicos do IESA. Os cuidados sanitários com o rebanho são praticamente de tratamentos e não profiláticos. Normalmente, os produtores não deixam que os bezerros mamem o colostro, não cortam nem desinfectam o umbigo após o nascimento, não vermifugam etc. Em conseqüência disto, associado às péssimas condições de instalações, tem-se um elevado índice de mortalidade dos bezerros. Na região Nordeste a ocorrência de carrapatos e berne é alta e freqüente, devido às características raciais do rebanho, à não limpeza das pastagens e à utilização das matas, sendo efetuado o controle somente depois de uma alta infestação. O índice de natalidade, em ambas as regiões, é muito baixo, não ultrapassando a 50%, e as novilhas dão a primeira cria após quatro anos de idade. Isto é sem dúvida conseqüência de manejo inadequado, das deficiências alimentares das pastagens e da não mineralização do rebanho. Em todos os casos torna-se difícil quantificar os índices devido à falta de informações precisas.

O descarte de matrizes só se faz quando estas se encontram em idade muito avançada, não oferecendo nenhuma possibilidade de procriar.

A produção de leite total é baixa e normalmente consumida na propriedade ou utilizada para produzir queijo, requeijão e doce a serem vendidos.

A mão-de-obra utilizada na propriedade é a familiar com algumas contratações eventuais, para limpeza das pastagens ou para implantação de alguma cultura.

Participantes

Arismar Castro Menezes
Dilermando Miranda da Fonseca
Flávio de Oliveira
Josafat de Pádua Pereira
José Cláudio V. de Azevedo
José Reinaldo Mendes Ruas
Márcia Caldeira Brant
Reginaldo Amaral
Pesquisadores/EPAMIG



Impresso: *

**EDITORA
O LUTADOR**

Rua Irmã Celeste, 185 – Planalto
Fones: 441-3001 e 441-3622
Belo Horizonte – MG